

**ESTÉTICA DA DOR:  
O FASCÍNIO PELO SOFRIMENTO DOS ATLETAS NO *TOUR DE FRANCE***

Priscila Requião Lessa

UFPR

[pryslessa@gmail.com](mailto:pryslessa@gmail.com)

André Mendes Capraro

UFPR

[andrecapraro@onda.com.br](mailto:andrecapraro@onda.com.br)

Marcelo Moraes e Silva

UFPR

[marcelomoraes@ufpr.br](mailto:marcelomoraes@ufpr.br)

*Resumo:* O presente artigo busca analisar a estética da dor e do sofrimento existentes no *Tour de France*. Para alcançar tal intento foram analisadas fontes bibliográficas e audiovisuais que versam sobre o evento. A título de conclusão o artigo aponta que o fascínio existente pela dor e sofrimento acaba por produzir importantes elementos estéticos no evento francês.

*Palavras Chaves:* Ciclismo de Estrada; *Tour de France*; Dor; Sofrimento.

### *Introdução*

O *Tour de France* é o maior evento de ciclismo de estrada no mundo. Uma corrida de bicicleta dividida em 21 etapas que podem somar mais de 3000 km percorridos pelo território francês. Sua rota contempla trechos planos e rápidos, subidas curtas e grandes escaladas nas regiões montanhosas dos Pirineus e dos Alpes. O evento foi criado no início do século XX, em 1903, pelo jornalista francês Henri Desgrange e coroou o ciclismo de estrada na França e desde sua origem despertou as paixões dos espectadores, ressaltando uma preferência por percursos de difícil acesso e de distâncias muito longas (Augendre, 2009). Nas palavras de Nicholson (1977, 53), o *Tour de France* "(...) transformava os ciclistas em campeões, e os campeões em heróis". Assim, rapidamente o evento adquiriu um caráter épico atraindo multidões de fãs nas beiras das estradas.

Coyle (2006) lembra como a multidão de espectadores aguarda durante dias, até mesmo semanas, em seus *trailers*, na beira da estrada, a passagem do pelotão. Para passar o tempo festejam. Para Gumbrecht (2005) as pessoas se reúnem movidas pelo fascínio a *performance* corporal de seus ídolos. No

ciclismo de estrada os indivíduos estão espalhados pelos pontos de passagem do pelotão. Nas grandes corridas, como no *Tour de France*, o fenômeno da multidão muitas vezes acontece nos pontos mais difíceis da prova. Os espectadores estão sempre aglomerados nas montanhas, nas passagens mais íngremes do trecho e/ou na chegada, quando o ídolo cruza o pórtico exausto da escalada e/ou eufórico depois de um *sprint* a mais de 70 km/h.

Contudo, o que esperam os milhares de espectadores que se amontoam nas estradas do *Tour de France*? O que esses indivíduos que chegam de tantos lugares da Europa e/ou até mesmo de outros cantos do mundo esperam ver na escalada lendária do *D'Huez*? Uma resposta possível pode ser a dor. Sim, afinal a angústia e o sofrimento que se estampa no olhar de cada corredor em todas as curvas do *D'Huez*, bem como das outras montanhas do *Tour de France*, acaba por humanizar estes atletas.

A escalada do *D'Huez* não é a mais supliciosa do *Tour de France*, entretanto, tal subida pode ilustrar a estética do sofrimento que se estampa ao longo de todas as etapas de montanha. Existem nessas escaladas uma espécie de simbologia da dor, uma imensa expectativa que se cria em torno da agonia, tanto pelos espectadores aglomerados nos trechos mais altos das subidas quanto pelos pilotos conscientes de que o sofrimento imposto será inevitável, que faz parte da escolha de estar ali naquele momento.

Tendo em vista a forte ligação do *Tour de France* com o fascínio dos espectadores pelo sofrimento dos atletas, o presente artigo tem como objetivo responder a seguinte pergunta: Qual o papel da dor e do sofrimento numa construção estética das *performances* esportivas no *Tour de France*?

*Rituais da dor: incarnando um novo corpo através do treinamento*

As abordagens sobre o corpo que sofre podem ser apreciadas em uma espécie de formulação de uma “história da dor”. O suplício causado pela dor assumiu características e significados diversos ao longo dos contextos históricos do ocidente. Desde a Antiguidade Clássica quando se castigavam aqueles de quem se desejava obter a verdade em confissão, passando pela medievalidade, que impunha as dores do ordálio e da fé, chegando-se ao auge nos suplícios da pré-modernidade do Antigo Regime europeu. Contudo,

conforme lembra Le Breton (2013), sua transição definitiva para novas abordagens e conceitos está contida na transição para a modernidade.

Conforme lembra Andrieu (2004), na modernidade o conceito da dor atingiu outros significados ligados à percepção do corpo. Le Breton (2013) argumenta que a dor manifesta-se na sociedade moderna como uma experiência corporal cuja simbologia se associa a condição humana de existência. O corpo que dói manifesta-se como algo vivo, conserva em si uma forma de identidade, de finalidade e de propósito humano.

No ciclismo de estrada a exigência do uso extremo do corpo é um fundamento primordial para entender a modalidade. Mais do que isso, trata-se de um elemento fundamental numa construção estética do ciclismo, especialmente em eventos, como o *Tour de France*, que primam pela dificuldade imposta aos corredores e que os levam além dos seus limites. É no sofrimento que está contida a identidade de cada corredor, sua consciência e sua existência. Esse é o momento da escuta do corpo de cada atleta que luta contra o silêncio dentro de si. Trata-se, segundo Le Breton (2013) de alcançar o uso inteiro de si e de atingir diferentes tipos de existência. O objetivo é o de dar significado a si mesmo, através da fala do corpo que sofre e rompe com isso os mais diversos ritos cotidianos.

Andrieu (2004, 28), salienta que a dor encontrada em determinadas práticas corporais trata-se de uma "(...) maneira de encontrar a sensação de si próprio num mundo cada vez mais anestesiado." São exatamente estes elementos que podem ser encontrados no ciclismo de estrada, afinal o corpo que dói triunfa, mesmo nas derrotas e nas adversidades, pois esta utilização subjetiva do corpo é um dos poucos meios que o indivíduo contemporâneo tem para se objetivar, tomar corpo, ou seja, de existir.

O rito de preparação para a dor vem em diferentes formas para os corredores do *Tour*. Seus corpos foram acordados da vida contida, conforme lembra Le Breton (2013, 25) no "silêncio dos órgãos", naquilo que se identifica como inconsciência do seu corpo. Este ritual chegou para Pantani e Mayo em forma de acidentes que causaram lesões difíceis de curar, exigindo deles a superação da dor e da incapacidade física. Para Lance o rito veio pelo câncer que se manifestou em 1995 e marcou a transformação definitiva do corredor que fora depois sete vezes vencedor do *Tour de France*. Então, Lance – assim

como Pantani e Mayo - se viam em um momento definitivo da sua relação com a vida, com o ciclismo e com a dor. Poderia sucumbir a agonia ou erguer-se triunfante para senti-la de outras maneiras. Lance, ainda doente degustava dos sabores distintos da dor e do sofrimento:

“Por que eu ficava andando de bicicleta mesmo com câncer? Porque o ciclismo é tão difícil, o sofrimento é tão intenso, que acaba sendo algo absolutamente purificador. Você sai de casa com o peso do mundo nas costas e depois de seis horas de pedaladas no limite da dor, se sente em paz. A dor é tão forte e intensa que uma cortina desce em seu cérebro. Pelo menos durante um tempo, você tem uma espécie de passe-livre, e não tem que ficar matutando sobre os problemas da vida; dá pra esquecer de tudo, porque o esforço, e conseqüentemente o cansaço, são absolutos”. (Armstrong, 2004, 75).

Quando o corpo repousa no “silêncio dos órgãos” é preciso prepará-lo para o ritual da dor. Para Le Breton (2013) a passagem do corpo pela dor remete a uma ritualização. Existe sutilmente enraizado na dor do corpo um significado muito além do momento, que sustenta sua própria concepção de existência e o leva à compreensão do sentido da vida. Encontra-se na dor do corpo um valor, um sentido e uma possibilidade de integração e de pertencimento ao grupo. Nesse sentido, o processo de treinamento seria a maneira de inserir o esportista numa coletividade:

“O treino é um ritual para o desportista (...) todo o seu dia é organizado e economizado com vista ao treino. Sem esta repetição ritual, a habituação não conduziria à incorporação. A virtude do exercício regular é transformar o corpo: esse exercício ritual aumenta o nível do ser individual até um limite orgânico, o da resistência e da *endurance* da estrutura corporal às repetições sucessivas. A fractura/factura da fadiga vem testemunhar até o martírio o limite do corpo. O ritual do treino contém seu limite interno que convém ultrapassar. A iniciação mantém-se íntima e a ultrapassagem de si isola o desportista, confrontando-o apenas com sua dor” (Andrieu, 2004, 53).

No ciclismo de estrada não se passa sem dor e não se suplanta por uma competição como o *Tour de France* sem levar essa dor às últimas conseqüências. Hamilton (2013) lembra como o processo de sofrimento começava muito antes do início do *Tour*, em dias de treinos longos e intensos que terminavam com um desmaio de exaustão na cama. Havia ainda as dores causadas pelas privações do corpo – com a alimentação e na necessidade de excluir qualquer outra atividade que não fosse de treinamento – e sociais – na ausência constante de casa e no convívio com a família.

Vigarello (2011) argumenta que o século XX testemunhou um crescimento do fascínio técnico. Mesmo com o avanço crescente das tecnologias o esforço do ciclista se mantém em grandes escalas. Então o treinamento entra em cena e exerce sobre o mundo esportivo um fascínio exclusivo e intenso, como se fosse uma predestinação. O ato de treinar está voltado para as partes mais obscuras e sombrias do corpo, desafia a resistência, supera obstáculos. Vigarello (2011) lembra que o treinamento é o jogo de cada esportista contra o seu próprio limite. Um ritual de superação assentado na dor.

Neste processo de se tornarem indivíduos independentes, os corpos dos atletas precisam se tornar verdadeiras máquinas para poderem vencer os inúmeros obstáculos que encontraram nos eventos esportivos, pois conforme lembra Le Breton (2011), na modernidade não basta mais se maravilhar com a engenhosidade do criador. O objetivo agora é o de transformar a natureza. O autor ao evocar Descartes lembra que no corpo esse processo de transformação da natureza se deu pela maquinização, tornando ele supranumerário, ou seja, algo passível de um total controle racional. Vigarello (1978), agregando elementos a estas questões da maquinização, salienta que corrigir o corpo através dos treinamentos esportivos se torna uma das principais formas dos indivíduos escaparem da natureza frágil de seus corpos. O contexto industrial atribuiu aos corredores de estrada o comparativo com as máquinas desde as origens do *Tour de France*, visto que a preocupação com o desempenho dos corredores e sua máxima *performance* esteve presente nos primórdios da corrida. Thompson (2012) inclusive indica que desde as primeiras edições as dificuldades impostas foram consideradas épicas.

Somente corpos altamente preparados conseguiriam vencer as adversidades apresentadas pelas estradas do *Tour*.

*A dor no Tour de France: da crítica à exaltação do sofrimento*

Thompson (2012) lembra que em meio às tensões sociais do início do século XX o sofrimento exagerado imposto aos corredores do *Tour de France*, logo virou alvo de críticas dos movimentos sociais. Considerado uma forma de trabalho que podia prover ascensão social e financeira aos impiedosos pilotos corajosos o suficiente para enfrentarem todas as etapas da corrida, o evento esteve sob a mira dos sindicatos e do movimento comunista. Os atletas passaram a ser vistos como trabalhadores forçados das estradas.

Contudo, para o *Tour de France* e seu criador Henri Desgrange importava a grandiosidade do evento e o heroísmo dos pilotos. Estes também estavam ávidos por marcarem a história da corrida com seus atos de bravura e superação. Rapidamente os que se voltavam contra os imensos esforços físicos impostos pelo *Tour* eram rotulados de pouco corajosos e de fracos, como por exemplo, quando em 1924, o campeão do ano anterior, o francês Henri Pélissier e seu irmão Francis, abandonaram a competição no meio de seu curso. Poucos dias depois de Henri Pélissier renunciar a corrida, o ciclista enviou uma carta à revista comunista *L'Humanité*, escrevendo que ele aceitava a fadiga excessiva, o sofrimento, a dor, como parte da profissão de ciclista, entretanto, queria ser tratado como ser humano e não ser explorado, pois para o ciclista o sofrimento imposto pelos caminhos do *Tour de France* eram ainda maiores que os infligidos pela *via-crucis* (Thompson, 2012).

Entretanto, Thompson (2012), salienta que para satisfação de Desgranges, a visão dos corredores como locomotivas excepcionais se tornou mais forte do que as críticas aos sofrimentos. O criador do evento insistia em expor o *Tour de France* como uma experiência científica que tinha na fadiga um desafio a ser superado. Era preciso saber como eliminá-la. Afinal de contas no contexto da industrialização do início do século XX projetavam-se os corredores de bicicleta como máquinas em plena produtividade.

A construção histórica do *Tour* esteve tão inserida no contexto da sociedade industrial, que em razão das influências do movimento comunista estabeleciam-se regulamentos e punições para pilotos que se organizassem de

forma trabalhista. Havia um temor muito grande de que a corrida ficasse lenta e sem atrativos. Argumentava-se que as reclamações de crueldade e exploração do trabalho na corrida estavam limitadas a corredores que não tinham nem força e nem coragem o suficiente (Thompson, 2012). Ao ter a exploração do trabalho como um parâmetro para as dificuldades impostas desde o início do *Tour de France*, o sofrimento e a dor resultantes logo se configuraram em um padrão que se consolidará no pelotão.

No ciclismo de estrada a *performance* é o ponto de partida, a referência do entendimento da dor que leva o corredor para muito além do seu limite, que na verdade seria a administração na “corda bamba” na qual Le Breton se refere. No tratamento conceitual antropológico que o intelectual francês dá a dor no esporte destaca-se a necessidade da negociação pessoal do esportista com o limiar de sofrimento que ele poder suportar. Algo que deixa de ser somente exploração mercadológica do corpo de um trabalhador, no caso o ciclista, e passa a ter um sentido estético único, ou seja, a capacidade do atleta de seguir em frente, de continuar a caminhar na “corda bamba” mesmo frente a todas as dificuldades que uma competição do porte do *Tour de France* impõe.

Andrieu (2004) e Le Breton (2013), ao se referirem ao sofrimento nas práticas esportivas argumentam que existe na dor do esporte uma simbologia que repousa na troca pelo triunfo sobre os demais competidores. Contudo, os autores salientam que a sobrepujação maior não é sobre os adversários e sim a que os atletas realizam sobre si mesmo, sobre sua própria tolerância da dor angustiante e da tentação de interrompê-la a qualquer momento, porque diferente das demais formas de dor, cabe ao esportista interromper sua aflição física quando bem desejar, permanecendo apenas com a amargura moral da sua derrota pessoal. Sendo assim, baseia-se nos motivos expostos por Andrieu e Le Breton para indicar que as diversas críticas que a corrida sofreu em sua história, como por exemplo, as dos irmãos Pélissier no evento de 1924, não conseguiram enfraquecer o evento.

O piloto Tyler Hamilton protagonizou em 2004, uma das mais intensas representações de dor da história do *Tour de France*:

Relaxei. Deixei minhas pernas pararem de se mover. Encostei na lateral da pista, ao lado de uma pequena parede de pedras e, pela primeira vez e única vez em minha carreira, saí da minha bicicleta enquanto ainda

podia pedalar. Não há trabalho pequeno demais ou difícil demais. Realmente, nenhum trabalho era difícil demais. Aquele trabalho, porém, de repente, parecia pequeno demais. (Hamilton, 2013, 241). No prosseguimento dos seus relatos o ciclista coloca que geralmente: “Você continua. É a coisa mais linda e terrível do ciclismo. Você continua”. (Hamilton, 2013, 239). Com exceção do corpo que adocece o ciclista prossegue na sua dor e faz dela sua matéria-prima, como acentuam Andrieu (2004) e Le Breton (2013). Seu longo e incansável trabalho é manter-se atento à sua agonia, usar de todos os subterfúgios disponíveis para dominá-la e manter-se no controle até que a linha de chegada seja ultrapassada. Ao longo desse caminho, o sofrimento que se mostra cada vez mais intenso fornece a garantia do triunfo que representa algo muito maior que a própria conquista esportiva, pois carrega em seu significado simbólico o controle sobre a própria vida.

#### *O controle corporal diante do sofrimento das corridas de bicicletas*

Le Breton (2013) argumenta que o sofrimento permite ao indivíduo uma nova forma de relação com outros. A aflição permite atitudes não muito habituais e não aceitas socialmente em outras circunstâncias. Apertam-se as mãos no *guidon* da bicicleta, mostra-se a língua, mordem-se os lábios, entorta-se a cabeça. Um festival de caricaturas que transformam toda a estética do pelotão. Esse interessante comportamento pode ser longamente observado no inquieto Thomas Vockler. O atleta destacava-se pelas caretas, língua de fora, piscadas incessantes dos olhos e sua forma agitada de pedalar trechos difíceis, balançando nervosamente o corpo sobre sua bicicleta.

Se a dor, no *Tour de France*, pudesse ser representada por um som, começaria pela quase imperceptível sensação sonora de uma roda tocando-se acidentalmente na outra, seguido pelo ruído estridente dos freios rangendo nas rodas e dos pés desengatando dos pedais em busca do equilíbrio até abafar-se no barulho de dezenas de bicicletas se amontoando ao chão em uma imensa pilha encobrendo os ciclistas. Depois sim viriam os sons dos gemidos e gritos em razão das lesões, fraturas e do desespero de levar um tombo. Uma grande queda do pelotão é um dos momentos de maior tensão, visto que até todos se levantarem não se sabe ao certo a gravidade dos ferimentos dos envolvidos. Entretanto, no *Tour*, “você continua”, como sempre dizia Hamilton (2013).

Ampara-se nas análises de Le Breton (2009), para salientar que o ciclismo de estrada pode ser considerado uma atividade esportiva de risco, visto que pode entendê-lo como um jogo no qual o piloto aposta sua existência contra a morte, buscando sentido para a sua própria vida. Não se trata de indivíduos desafiando aleatoriamente o perigo letal se jogando de penhascos e/ou pelas alturas como ocorre em diversos esportes radicais. Entretanto, quando um ciclista se lança em uma descida de quilômetros a velocidades superiores a 80 km/h é preciso ter a consciência de que se corre um grande risco. Quando o pelotão compacto avança pela estrada a velocidades incríveis um pequeno erro pode resultar em quedas muito graves.

Se um tombo acontece, em grupo e/ou isoladamente, os ciclistas são colocados em risco. Entretanto, faz parte do jogo, os pilotos se põem em perigo a cada largada e as circunstâncias da corrida julgam o seu destino naquele dia, como preconiza o conceito de ordálio, levantado por Le Breton (2009) sobre as diversas condutas de risco existentes. Pode-se, então, associar o conformismo dos ciclistas em relação aos tombos e machucados dele provenientes como um rito, que contém em si um significado de existência contra a morte ou aos danos que possam lhe tirar da corrida. Nesse jogo, conforme lembra Le Breton (2009) o corpo é a peça essencial na batalha contra a adversidade, um patrimônio usado para garantir o desempenho.

Com Tyler Hamilton tais condutas de risco eram recorrentes e resultavam em processos de superação de limites constantes. Para o ciclista americano nada era difícil demais. O piloto descreve o acidente que o levou ao chão em 2003, dando início a uma batalha épica, ao lado de sua dor:

“Então uma batida. Geralmente ouve-se uma batida antes de vê-la. É um som metálico, raspado e de coisas quebrando, como se uma garrafa de refrigerante tivesse partindo no concreto, só que aumentado mil vezes. Então dá pra ouvir o guincho dos freios, e, em seguida, um som abafado da batida – o impacto dos corpos sobre o asfalto. As pessoas correm e gritam em diferentes línguas – “CUIDADO!” (...) – mas já é tarde. Um dos piores sons do mundo (...) De longe parece que uma bomba caiu no pelotão. Eu estava espremido no meio dele, incapaz de parar, de virar, de fazer nada a não ser tencionar e se preparar para o que virá. Acertei

a pilha, caí estalado e fui açoitado pelo chão. Assim que atingi o asfalto, meu mundo explodiu em estrelas; ouvi um estalo. Meu ombro (...) Cruzei a linha de chegada com meu braço esquerdo balançando morto. Mais que um reflexo do que qualquer outra coisa perguntei se ainda era possível continuar na corrida e o médico disse sem hesitar: *Ce n'est pás possible* – Impossível (...) Perguntei a um terceiro médico – e tive um lampejo de esperança (...) Havia uma esperança. Decidi tentar (...) O treinador da CSC colocou, envolvendo várias vezes, bandagem atlética através da minha clavícula para ajudar a estabilizá-la. O mecânico reduziu a pressão dos meus pneus e acrescentou três camadas de fita gel em meu *guidon* para dar certa maciez (...) Subi em minha bicicleta. A dor vem em diferentes sabores. Este era um novo sabor – mais áspero, ofuscante, se tivesse uma cor, seria um verde elétrico. Passar por cima de um pedregulho causava um rompante de agonia que corria das pontas dos meus dedos até o topo da minha cabeça. Não conseguia decidir se vomitava ou gritava. Mas aí que está: se agüentar os primeiros dez minutos, então dá para aguentar mais. O tempo para de importar (...) Forçava ainda mais, usando a dor dos meus músculos para me distrair da dor em minha clavícula”.

Com este relato de Hamilton é possível vislumbrar a dor angustiante que pode acompanhar um piloto no *Tour de France*. Um agrupamento dos episódios em que ele sofreu desmedidamente e/ou que acompanhou e descreveu o sofrimento de um companheiro e/ou rival traça o significado simbólico da dor para um corredor de bicicleta: “Eis o segredo: não se pode bloquear a dor. É preciso abraçá-la”. (Hamilton, 2013, 23). Nesse ponto em específico as abordagens levantadas por Le Breton (2013) são providenciais. Para o autor a manifestação da dor insuportável do corpo lesionado causa no indivíduo uma dualidade impondo-lhe uma experiência de sofrimento como protagonista principal. Le Breton ainda salienta que a agonia do corpo ferido sobrepõe-se a tudo, absorve o indivíduo e transforma o cotidiano em uma anedota banal. O corpo pode renunciar a tudo para viver a dor aguda, fechar-se em si mesmo e buscar o sofrimento de forma a não perder suas próprias energias conservando sua moral e a estima que os outros têm por ele.

No ciclismo de estrada existe uma regra clara em relação ao sofrimento. Os atletas precisam desenvolver a capacidade de manter suas fisionomias impassíveis diante da dor, não importando o quanto ela seja dura e cruel. “Está sentindo uma dor paralisante? Demonstre estar relaxado, até mesmo entediado. Não consegue respirar? Feche a boca. Prestes a morrer? Sorria”. (Hamilton, 2013, 137). Entretanto, por vezes, não é possível manter-se impassível. Para Andrieu (2004) e Le Breton (2013) o mundo transborda para o homem que sente dor. No pelotão esse momento ocorre especialmente nas montanhas. Um novo ritmo se coloca. A beleza do pelotão compacto avançando destemido se esvai, quebra-se. As passadas têm outra dimensão. Uma nova beleza surge. A estética se torna mais lenta, mais intensa. A respiração torna-se densa num exercício contínuo de domínio de si e autocontrole corporal. Pouco a pouco a angústia se instala em cada ciclista. É possível vê-la em cada rosto mesmo na luta interna que cada piloto realiza para não transparecer em seu corpo estes sinais.

Na etapa 15 do *Tour* de 2002, o espanhol Joseba Beloki, acaba por ilustrar a intensidade aguda da dor das duras subidas da corrida francesa:

Beloki ataca e dispara. Com menos de um quilômetro faltando, Beloki está pagando por seu esforço. Ele estava morrendo, seus olhos virando para trás, os ombros cambaleando em pura angústia – como ninguém mais estaria. (Hamilton, 2013, 199).

Mesmo para os mais corajosos e treinados pilotos do *Tour*, para quem a dor deveria ser vivida e sentida na sua totalidade e intensidade, e deveria ser abraçada e tornar-se companheira, a passividade da expressão do rosto para enganá-la pode ser impraticável e sucumbir diante da sua grandiosidade:

Foi o mais forte que já consegui. Normalmente, orgulho-me de manter uma espécie de fisionomia impassível, mas quando vi as fotos daquele dia, as aparências foram para o brejo: os olhos inchados e quase fechados, a língua para fora, a cabeça vacilando para trás; sentia-me doente. Minhas pernas, no entanto, estavam fortes. Elas continuavam a pedalar. (Hamilton, 2013, 218).

Assim, na angústia de Hamilton, sua habilidade em controlar a dor e estabelecer truques para lográ-la, sua brandura em assimilar o sofrimento se ilustram com o entendimento de Le Breton (2013), na qual a dor se transforma

em uma possessão, uma força corrosiva colossal que determina o comportamento do indivíduo que a sente. Voraz e insistente o sofrimento leva a uma metamorfose e projeta uma nova experiência de existência que transforma o mundo em volta do indivíduo e sua relação com ele. Sua voracidade não dão trégua, prosseguem incessantes, conforme indica Armstrong (2004, p.23):

A dor é apenas temporária. Pode durar um minuto, uma hora, um dia ou um ano, mas, por fim chega o momento em que diminui e desaparece. Porém, se eu desistir, ela dura para sempre, porque o ato de entregar os pontos, por menor que seja, permanecerá sempre comigo. Por isso quando sinto uma vontade doida de desistir, me faço a seguinte pergunta: com o que eu prefiro viver, com a dor ou com a consciência torturante de que fui derrotado?

### *Considerações Finais*

No conjunto de sentidos que se forma ao longo das vinte e uma etapas do *Tour de France* está o sofrimento, a exaustão, a persistência, a superação dos limites e as imensas dificuldades que se acumulam ao longo do percurso. Em busca dessas percepções a multidão se amontoa na beira das estradas francesas, atraídas pelo espetáculo grandioso, muitas vezes dramático que irá se desenrolar. A estética singular do *Tour de France* repousa no acontecimento que enche os olhos do espectador quando o ciclista vence os seus limites e atravessa com retidão o seu suplício, sua *via-crúcis*. Nesse momento uma estética chega ao seu ponto máximo, pois a dor e o sofrimento que preencheu a alma do ator durante todo o trajeto chegou ao seu fim, terminando uma jornada repleta de lutas sem trégua e inúmeras adversidades.

Paira sobre o espectador um questionamento complexo: o que existe de tão importante nas escaladas e nos *sprints* do *Tour de France* para mobilizar milhares de indivíduos? Pode-se retomar Gumbrecht (2005) entendendo que a beleza repousa no olhar do espectador que lança sobre seu ídolo um sentimento de fascínio alimentado na contemplação da beleza de cada corpo altamente treinado para executar tamanha empreitada. A forma como cada ciclista lida com seu suplício, acomoda o corpo sobre sua bicicleta e/ou fixa o olhar no infinito para enganar a dor. Infinidades de movimentos estranhos ganham importância nesses instantes de admiração que o espectador lança

sobre os pilotos. Afinal existe em relação aos pilotos do *Tour* o nascer de um desejo sobre cada um, fomentado pela formação de uma imagem única e particular que cada espectador projeta sobre o evento e seus corredores. Muitas vezes o ídolo não venceu a escalada, nem foi o mais rápido no *sprint*, mas provocou no observador, conforme explica Gumbrecht (2005), o êxtase, a excitação, o prazer através do esporte.

Em parte, o conceito de beleza sobre eventos esportivos como *Tour de France* submete o esportista aos limites extremos do corpo, remetem-se aos encantos do Olimpo grego e as imagens de heróis atléticos, como em uma criação poética (Gumbrecht, 2005; Vigarello, 2011). No auge do esforço extremo, quando, por exemplo, um piloto sofre uma queda grave e consegue se levantar seguindo mesmo esfarrapado e com seus ferimentos expostos surge no espectador um profundo encantamento. Fascinação, que segundo Vigarello (2011), é alimentado pela desenvoltura dos corpos que o observador analisa em seu vigor e destreza. Nesse sentido, como bem lembra Gumbrecht (2005), o herói se constrói sobre a estética da sedução e da excitação do esporte sobre o espectador. Arquiteta-se sobre ele uma beleza atlética épica em uma narrativa dramática imposta pelas dificuldades da competição que fazem os corpos brilharem nos triunfos e/ou nas tragédias.

## REFERÊNCIAS

- Andrieu, B. (2004). *A nova filosofia do corpo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Armstrong, L. (2004). *De volta à vida*. São Paulo: Editora Z.
- Augendre, J. (2009). *Le Tour: 25 étapes de legende*. Paris: Solar Editions.
- Coyle, D. (2006). *A luta de Lance Armstrong: a luta de um homem contra o destino, a fama, o amor, a morte, o escândalo e alguns outros rivais a caminho do Tour de France*. São Paulo: Gaia.
- Gumbrecht, H. U. (2005). *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hamilton, T. (2013). *A corrida secreta de Lance Armstrong: nos bastidores do Tour de France: doping, armações e tudo o que for preciso para vencer*. São Paulo: Seoman.

- Le Breton, D. (2009). *Conduitas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver*. Campinas: Autores Associados.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes.
- Le Breton, D. (2013). *Antropologia da dor*. São Paulo: Fap-Unifest.
- Nicholson, G. (1977). *The Great Bike Race*. London: Hodder & Stoughton.
- Thompson, C. (2012). The Tour in the Inter-War Years: Political Ideology, Athletic Excess and Industrial Modernity Political. En: Dauncey, H; Hare, J. *The Tour de France 1903-2003: a century of sporting structures, meanings and values (Sport in the Global Society)*. (pp.1-65). Nova Iorque: Routledge, p. 1-65
- Vigarello, G. (1978). *Le corps redressé: Histoire d'un pouvoir pédagogique*. Paris: Delarge.
- Vigarello, G. (2011). Estádios – O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. En: Corbin, A.; Courtine, J. J.; Vigarello, G. *História do corpo: as mutações do olhar. O século XX*. (pp. 445-480). Petrópolis: Vozes.